

Formação do leitor literário no ensino médio: uma experiência de leitura do gênero romance em suportes digitais

*Raphaelle Nascimento Silva**

*Edvaldo Souza Couto***

Resumo:

Situado no campo teórico dos estudos da cibercultura aplicados à educação e no contexto da cultura digital, o artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investigou os usos que um grupo de estudantes do ensino médio, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Campus Barreiras, faz das tecnologias digitais móveis no que tange as suas práticas de leitura literária, em particular, do gênero romance. A metodologia utilizada foi a qualitativa, de caráter exploratório, descritivo e analítico. O argumento central é de que os usos das tecnologias digitais móveis nas práticas de leitura do gênero romance podem repercutir na formação do leitor na perspectiva dos letramentos digital e literário. A pesquisa concluiu que os sujeitos realizaram durante o estudo suas primeiras experiências de leitura intermediadas por suportes digitais móveis. Esse fato justifica um apego ainda excessivo à cultura do impresso, com poucos, mas importantes avanços na leitura literária intertextual, própria dos ambientes de rede.

Palavras-chave: Tecnologia Educacional; Cibercultura; Letramento Literário e Digital.

* Doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA - Campus Barreiras. E-mail: raphaelle.ns@hotmail.com

** Doutor em Educação. Professor Titular no Departamento de Educação II, na Faculdade de Educação, na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Bolsista em Produtividade de Pesquisa do CNPq. E-mail: edvaldosouzacouto@gmail.com

Literary reader formation in middle school: a reading experiency of the novel genre in digital media

Abstract

Placed in the theoretical field of cyberculture studies applied to education and in the context of digital culture, the article presents the results of a research that investigated the uses that a group of high school students, in the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia - IFBA, Campus Barreiras, makes of the mobile digital technologies regarding to their reading practices literary, in particular, of the novel genre. The methodology used was qualitative, of exploratory feature, descriptive and analytical. The main argument is that the uses of mobile digital technologies in reading practice of the novel genre can have repercussions on the formation of the reader in the perspective of digital and literary literacy. The research concluded that the subjects performed during the study their first reading experiences mediated by mobile digital media. This fact justifies a still excessive attachment to the culture of printed, with few but important advances in intertextual literary reading, typical of network environments.

Key-words: Educational technology; Cyberculture; Literary and Digital Literacy.

Formación del lector literario de nivel medio: una experiencia de lectura del género romántico en soportes digitales

Resumen

Situado en el campo teórico de los estudios de la cibercultura aplicados a la educación, y en el contexto de la cultura digital, este artículo presenta los resultados de una investigación sobre los usos que un grupo de estudiantes de nivel medio, en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Bahia – IFBA, Campus Barreiras, hacen de las tecnologías digitales móviles, en lo concerniente a sus prácticas de lecturas literarias, en particular, del género romántico. La metodología utilizada es cualitativa, de carácter exploratorio, descriptivo y analítico. El argumento central sostiene que los usos de las tecnologías digitales móviles en las prácticas de lectura del género romántico pueden repercutir en la formación del lector en la perspectiva de la alfabetización digital y literaria. La investigación concluye que los estudiantes colaboradores tuvieron, durante el estudio, sus primeras experiencias de lectura intermediadas por soportes digitales móviles. Ese hecho justifica el apego excesivo a la cultura de lo impreso, con pocos, pero importantes avances en la lectura literaria intertextual, propia de los ambientes de red.

Palabras clave: Tecnología Educativa; Cibercultura; Alfabetización Literaria y Digital.



A pesquisa: origens e questões preliminares

Este artigo, situado no campo teórico dos estudos da cibercultura aplicados à educação e no contexto da cultura digital, apresenta os resultados de uma pesquisa que se propôs a investigar os usos que um grupo de estudantes do ensino médio faz das tecnologias digitais móveis no que tange às suas práticas de leitura literária, em particular, do gênero romance. O objetivo central da pesquisa foi compreender de que maneiras os usos das tecnologias digitais móveis nas práticas de leitura do gênero romance podem repercutir na formação do leitor na perspectiva dos letramentos digital e literário. Nesse sentido, procuramos investigar os modos como os sujeitos estabeleciam relações entre a conexão em rede, as tecnologias digitais móveis e a leitura literária em suas práticas cotidianas. Também nos interessava conhecer as repercussões que os usos das tecnologias digitais móveis promoviam nas práticas de leitura literária dos sujeitos, bem como identificar e analisar os indícios de letramento literário e digital.

Tal perspectiva e interesse de investigação são frutos das inquietações latentes na trajetória do ensino de literatura, voltadas à resistência e à dificuldade que os estudantes têm em relação às aulas dessa disciplina e à compreensão do texto literário, atreladas a abordagens por vezes historiográficas e periodistas acerca do seu ensino – centrada em marcações de escolas ou períodos literários –, bem como à presença muito forte do discurso fundamentado na imagem de literatura apenas como belas artes, ou belas letras, sacralizadas na cultura do livro impresso. Em face disso, este trabalho postulou, como um caminho para essa empreitada, repensar o processo de significação que o estudo de literatura deve ter para os alunos, propondo a aproximação dessa área de conhecimento com o universo digital no qual estamos imersos e no qual agimos de maneira muito particular e autônoma, um mundo permeado pelas tecnologias digitais móveis, pelo acesso à internet, pela interconexão.

Aproximações teóricas: um encontro marcado através dos tempos

O cenário advindo do desenvolvimento das tecnologias, especialmente, as de informação e comunicação, se relaciona com aquilo a que chamamos de cibercultura, definida por Lévy (1999, p.13) como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, espaço de comunicação criado pela interconexão não só dos computadores, mas também *tablets*, *smartphones* e uma gama de dispositivos que vêm sendo utilizados em rede. Dessa forma, os sujeitos da cibercultura constroem novos modos de ser e de estar no mundo reconfigurados pela cultura digital marcada, dentre outros elementos, pela desmaterialização, compactação e acesso direto. As tecnologias do digital, de acordo com Lemos (2004 e 2009), mudam a nossa maneira de consumir os produtos, uma vez que saímos do consumo passivo de cultura e entramos no consumo/produção efetiva de bens culturais.

Desse modo, o ciberespaço e a cultura digital oferecem novos suportes e espaços para a leitura e a produção de textos que, por sua vez, necessitam da construção de novos comportamentos leitores, pois colocam na mão dos sujeitos uma estrutura de



telas que lhes permite produzir os mais variados tipos de textos e, conforme nos afirma Ribeiro (2012), as resistências acerca da leitura em tela têm mais relação com o apego à cultura impressa do que com as especificidades dos novos suportes. Assim, é necessário se pensar a inserção das tecnologias digitais móveis e da conexão em rede na educação não as considerando condicionadas pelos equipamentos, mas entendendo o poder que a virtualização apresenta como aquilo que nos permite ler, interpretar e problematizar as coisas, atualizando-as. Tais aspectos podem ser também entendidos na perspectiva da leitura de textos literários e no trabalho com a natureza literária nas salas de aula, nas ações pedagógicas e leitoras, haja vista a potência intrínseca que possuem os textos enquanto fenômenos/espacos de atualização, o que se confirma quando Ribeiro (2016, p.98) aponta que “todo leitor lerá de modo criativo e preenchedor uma obra literária, quanto mais leitor for”.

Quando se trata das tecnologias de informação e comunicação em sua modalidade móvel, trazemos à tona um conjunto de possibilidades peculiares a essa natureza de portabilidade, flexibilidade e conexão. Ao associar essas particularidades ao estudo de literatura e como se caracteriza esse modo de ser leitor de textos literários na cultura digital, tornamos possível o encontro entre duas produções culturais que coexistem. Assim, a inserção de tecnologias digitais móveis conectadas em rede no estudo de literatura convida a pensar em uma perspectiva de tratamento das informações, conteúdos e conhecimentos, segundo a qual as ações pedagógicas, as práticas de leitura e os modos de ser leitor não se dão apenas na recepção e consumo, mas na produção, problematização e atualização de saberes cada vez mais associados à virtualização, à cibercultura e à cultura digital. Daí a natureza vantajosa do uso das tecnologias digitais móveis no estudo de literatura e sua relação produtiva para o trabalho com o texto literário em sua face de *existencialidade também virtual*. Além disso, faz-se necessário “experimentar, convocar os textos a serem retextualizados [...], até que se produzam, de fato, textos feitos genuinamente para ambientes digitais, isto é, com as possibilidades digitais em seu DNA” (RIBEIRO, 2016, p. 105).

Portanto, não se trata de pensar a tecnologia nas salas de aula e nas ações pedagógicas como *instrumentos para*, mas antes pensá-la no que carrega de construção sociocultural e no que possibilita enquanto agente de produção discursiva e atualização de saberes e produtos culturais (COUTO, 2016). Essa seria uma perspectiva de estudo de literatura no ensino médio permeado pela intersecção de diversos processamentos culturais que possibilitam outra relação entre os alunos e a literatura. Nesse outro relacionamento, estes se veem em possibilidade de não só entrar em contato com o texto literário através das tecnologias digitais móveis conectadas em rede como também de discuti-lo, reinventá-lo, ressignificá-lo e elaborá-lo como conhecimento autônomo através de experiências discursivas envoltas em sua cotidianidade.

Assim, percebemos as tecnologias como responsáveis por uma nova dinâmica de relacionamento entre o sujeito e o mundo, bem como a relação inversa também se torna possível quando Almeida (2009, p. 44, tradução nossa) afirma que “no cenário técnico-social atual, a literatura pode ser usada para lançar alguma luz sobre a relação dos seres humanos com a tecnologia”. O próprio pensamento do ser digital se reestrutura na realidade da virtualização e com ele sua percepção de outras produções culturais como o



texto literário. Nesse sentido, Lévy (1996, p. 3, grifo nosso) afirma que “um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, *os quadros coletivos da sensibilidade* ou o exercício da inteligência”. E ainda refletindo sobre essa nova realidade que as tecnologias apresentam, o autor sinaliza que “antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela [...] é necessário o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização”.

Dessa maneira, vai se delineando um campo comum tanto à literatura, mecanismo estético de leitura do real, quanto à tecnologia, entendida aqui como “elemento de cultura e não apenas aparatos tecnológicos que ilustram ou facilitam os processos escolares [...] afastando a ideia de que educação, cultura, ciência e tecnologia possam ser pensadas enquanto mecanismo de transmissão de informações” conforme afirma Pretto (2011, pp.110-111). Dessa maneira, promover a confluência dessas duas produções culturais, a literatura e a tecnologia, lugar de onde extraímos o tema norteador da pesquisa, se fez necessário e pertinente diante dos objetivos de estudo dessa área de conhecimento no Ensino Médio.

Para tanto, considerando que o foco deste estudo reside na compreensão das potencialidades das tecnologias digitais móveis no desenvolvimento dos letramentos digital e literário, unir esses dois elementos de composição do leitor, de acordo com o nosso objetivo de pesquisa, nos oferece possibilidades de avançar na compreensão da complexidade presente no fenômeno da leitura literária em contexto digital, uma vez que vemos se formando ao mesmo tempo leitores que precisam ser letrados digitais e leitores habilidosos do literário de modo que este possa agir, já que definimos nossa compreensão de leitura como uma ação, “de forma crítica no meio social, tanto em relação ao próprio uso dos recursos tecnológicos, [em sua dimensão técnica, sociohistórica e semiótica] quanto à leitura crítica de textos literários” (KOZIEL, 2013, p. 282). Dessa forma, reforçamos o fato de que a natureza do literário e do digital se aproximam e as habilidades de criatividade, liberdade, produção de conhecimento e autonomia são caracterizadoras desses dois universos, somados ao fato de que “obras literárias e seus dispositivos narrativos criam uma rica arena para especulação de ideias necessárias para a compreensão das novas realidades” (ALMEIDA, 2009, pp. 44-45, tradução nossa).

Assim, duas categorias são fundamentais neste estudo: letramento digital e letramento literário. Para compreendermos o fenômeno do letramento digital estamos considerando os seguintes aspectos: sua natureza tríade, técnica-social-hipersemiótica, a natureza ou a postura hipertextual/navegacional das práticas de leitura e escrita e a construção dos perfis leitores, *contemplativo-movente-imersivo* (SANATELLA, 2004). Tais perfis são fruto de um estudo empírico no qual Santaella (2004) categoriza três tipos distintos de leitores a partir de seus perfis cognitivos e comportamentos diante das práticas de leituras construídas sócio, histórico e culturalmente. Nesse sentido, trata do leitor contemplativo, em contato com objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis – a exemplo do livro impresso –, do leitor movente, que navega entre nós e conexões não lineares pelas estruturas líquidas dos espaços virtuais – acostumados aos hipertextos e *hiperlinks* –, e do leitor imersivo, próprio do ciberespaço e da cultura digital, que é



Obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza. [...] navega através dos dados informacionais híbridos que são próprios da hipermídia. (SANTAELLA, 2004, p. 33)

A combinação desses três perfis cognitivos de leitores nos permite perceber os três estágios correspondentes dos comportamentos de leitura praticados pelos sujeitos desde a tradição da cultura impressa até os suportes advindos da cultura digital. Quanto ao letramento literário, observamos os comportamentos leitores diante do tecido estético na relação Autor- Texto, Leitor-Modelo, que conduzem aos perfis leitores *vítima* e *crítico* (ECO, 2012), os quais constituem dois tipos básicos de leitores: a *vítima*, designada pelas próprias estratégias enunciativas e o *leitor crítico*, que ri do modo pelo qual foi levado a ser vítima designada. Essas duas caracterizações nominalizam os leitores de primeiro e segundo nível, um envolto no emaranhado do conteúdo, outro que vai além e investiga para melhor compreender a composição mesma do texto, a forma que dá sentido ao conteúdo e vislumbra o percurso feito pela natureza literária do texto para rendê-lo como vítima que ele se nega a ser.

São dois comportamentos leitores distintos, nos quais o segundo, o leitor crítico, exemplifica a condição determinada pelo letramento literário, cara à formação do homem e papel inalienável da escola, o qual permite, segundo Barbosa (2012, p. 153) transgredir “o senso comum, porque nos desloca, permitindo um olhar diferente para o mundo, porque nos faz descobrir o que não pensávamos existir, inclusive em nós. O potencial formador da literatura é garantia de autonomia e liberdade”. Dessa forma, podemos, então, aproximar essas duas categorias, letramento digital e literário, a fim de compreender o fenômeno em estudo nesta pesquisa.

A metodologia da pesquisa

Para a investigação do fenômeno aqui proposto, realizamos um percurso no qual acreditávamos na possibilidade de estabelecer ligações produtivas entre o campo de estudo e compreensão da natureza literária, em especial do gênero romance, e o advento da cultura digital e da cibercultura, na qual estão forjadas as tecnologias digitais móveis, compreendidas aqui como artefatos culturais. Em função disso, tratamos a relação entre literatura e tecnologia como um encontro marcado através dos tempos.

Assim, considerados os objetivos e questões que nortearam o estudo, elegemos como seu *locus* de desenvolvimento o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Campus Barreiras. A execução desta pesquisa se estendeu durante três meses, no período de outubro a dezembro de 2014, tendo como sujeitos participantes 11 estudantes constituintes de uma turma de 3º ano do Ensino Médio Integrado do curso Técnico em Informática. Para dar corpo e materialidade a este estudo realizamos uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, descritivo e analítico, na qual utilizamos inicialmente um questionário semiestruturado, o qual focalizava aspectos como informações sobre as práticas de leitura que os alunos desenvolviam; suas percepções acerca



das leituras literárias realizadas e/ou propostas no programa de Língua Portuguesa; o acesso e usos de tecnologias móveis e da internet; e a utilização de tecnologias digitais móveis na leitura/estudo de textos literários. Tal instrumento nos permitiu construir uma descrição mais detalhada do perfil de nossos entrevistados e entrevistadas no que tange a fatores revelantes e contributivos para o nosso objeto principal. Dessa forma, construímos, a partir da sistematização dessas informações, um primeiro olhar interpretativo sobre o fenômeno em estudo.

Assim, na segunda etapa da pesquisa, realizamos três encontros colaborativos com os sujeitos participantes, os quais ocorreram em paralelo às leituras literárias distintas que eles realizavam através de seus dispositivos digitais móveis, de forma que o intervalo entre eles permitisse um tempo de avanço nas leituras, sendo as datas gerenciadas com os participantes. Tais leituras foram definidas através da seleção coletiva e colaborativa de seis romances: *Mar Morto* (1936), *Capitães da areia* (1937) e *Tenda dos milagres* (1969), de Jorge Amado, *O Centauro no Jardim* (1980), de Moacyr Scliar, *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, e *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins. Diante desse desenho norteador – questionário semiestruturado e encontros colaborativos – destacamos o fato de que o trabalho com o letramento literário neste estudo foi circunstanciado com um gênero específico, o romance. Tal delimitação foi necessária, pois diferentes objetos estéticos requerem diferentes habilidades de letramento.

Cada um dos encontros teve uma estrutura e/ou um objetivo diferente. No primeiro encontro, os sujeitos foram convidados a participar de uma entrevista em grupo, na qual o foco esteve direcionado para a emergência de informações as quais caracterizassem os sujeitos enquanto leitores, isto é, a relação que estabeleciam com a leitura literária a partir de aspectos como: gênero, prazer, gosto pessoal. O foco estava em cada sujeito como leitor.

No segundo encontro colaborativo, a estrutura de organização também foi a entrevista em grupo. No entanto, o foco passou a ser a maneira como os sujeitos participantes estavam se relacionando com o ambiente digital, com a leitura no *smartphone*, suas estratégias e potencialidades. Ao final desse encontro, também fizemos o registro dos avanços de leitura obtidos por cada participante, analisando a meta estabelecida por cada um e os resultados obtidos, ponderando sobre os elementos que interferiram no processo de leitura de cada um deles.

Já no terceiro encontro, a centralidade esteve na realização da leitura compartilhada de trechos dos romances que estavam sendo lidos por cada sujeito participante, utilizando durante o encontro o suporte de *smartphones* e *tablets*. Nessa atividade, o foco estava na observação de indícios de letramento digital e literário que emergissem durante a condução da proposta. Cada participante selecionou fragmentos que considerasse significativos da obra, como uma espécie de cartão de visita do romance e conduziu os colegas por uma leitura desses trechos, considerando uma instrução geral: não se preocupar em apresentar os fragmentos para leitura e discussão seguindo a ordem linear da narrativa. Assim, à medida que as leituras, discussões e socializações iam sendo feitas, aproveitávamos a emergência de questões pertinentes à natureza e aos objetivos da pesquisa para intervir e lançar perguntas aos sujeitos participantes.



Assim, durante os encontros colaborativos, as ações de pesquisa tinham o intuito de produzir informações pertinentes à compreensão do fenômeno de modo que pudéssemos fazer emergir a discussão de temas significativos. Os sujeitos foram constantemente estimulados a utilizar de maneira produtiva e livre os dispositivos digitais móveis de que dispunham e a construir, ao longo de todo o período da pesquisa, um diário de leitura, no qual narravam em registros escritos, impressos ou digitais, todos os procedimentos e estratégias de leitura utilizados e colocavam em relevo suas compreensões, sensações, posicionamentos acerca das leituras literárias que faziam, bem como da relação que estabeleciam com os suportes digitais móveis nessas práticas. Nesses registros, o nosso foco estava direcionado à observação de elementos que revelassem a compreensão e reelaboração das obras, isto é, habilidades pertencentes ao letramento literário, bem como em relação à utilização eficiente e produtiva das tecnologias digitais móveis, que apontam para o letramento digital.

Tendo sido realizados tais procedimentos, nos debruçamos sobre a análise das informações produzidas, procurando contrastes, confrontando-as no intuito de primar pelo estabelecimento de um rigor e validade para as compreensões geradas. Utilizamos o processo de interpretação fundamentado no exame das informações produzidas no campo de pesquisa até chegarmos à identificação das *unidades dos significados*, reduzindo, assim, a variedade de informações produzidas pelos sujeitos a elementos considerados essenciais para a compreensão do estudo proposto. Tal momento nos demandou um olhar apurado, afinado com os objetivos do estudo e atento às singularidades e variações do fenômeno.

Desse modo, após uma leitura interpretativa das unidades de significado, percebemos recorrências, contradições, relações estruturadas, ambiguidades marcantes, que nos permitiram formular os três temas utilizados para sistematizar as análises das informações. Esses temas representam agrupamentos realizados a partir da leitura atenta e seletiva dos pesquisadores no sentido de que, estando consciente da impossibilidade de responder e dar voz a todas as questões emergentes em um estudo, destacam aquelas que, no seu campo de referências, inferências e interesses latentes, condizem com suas questões de estudo em uma eleição dos aspectos mais significativos ou significantes de um dado fenômeno.

Assim sendo, optamos, ainda, por construir uma rede semântica entre esta etapa de compreensão e discussão das informações e os momentos anteriores da pesquisa, de modo a entrelaçar teoria e empiria na busca de respostas e leituras possíveis para o estudo em questão. Logo, os temas foram forjados a partir da analogia com alguns elementos que compõem a narrativa romanesca, sendo eles: 1. Tempo e espaço: sujeitos em deslocamento; 2. Narradores-personagens: narrativas singulares; e 3. A construção do enredo: não linearidade, conflitos e clímax múltiplos. Nessa lógica, também utilizamos um recurso estético e intencional para dar voz aos sujeitos participantes, uma vez que cada um deles definiu para si um nome pelo qual gostaria de ser chamado, sendo eles: Lucy, Hugo, Noé, Sophia, Mariá, Érica, Bárbara, Laila, Clara, Sara e Júlio. A partir desses procedimentos, elaboramos um estudo descritivo, analítico e interpretativo a partir de temas norteadores, os quais passamos a explorar nas seções seguintes.



Tempo e espaço: sujeitos em deslocamento

Conforme o desenho de pesquisa apresentado, a primeira questão norteadora estava formulada da seguinte maneira: como podemos compreender a relação estabelecida entre conexão em rede, tecnologias digitais móveis e leitura literária nas práticas dos alunos? A partir dos procedimentos e da análise interpretativa que realizamos, chegamos a leituras possíveis para esses aspectos.

Primeiramente, considerando que o acesso de qualidade à rede é um fator imprescindível para a vivência de posturas colaborativas, hipertextuais e produtivas na cultura digital, o que caracteriza o leitor imersivo (SANTAELLA, 2004), percebemos que nossos personagens não conseguiam estabelecer tais relações posto que o acesso à internet figurava coletivamente como difícil e desmotivador quando demandava um pouco mais de tempo e dedicação como no caso das práticas de leitura literária em dispositivos digitais móveis. Além disso, percebemos, em segundo lugar, que quanto à noção de mobilidade não ficaram evidentes mudanças de comportamentos leitores significativos, uma vez que esta esteve relacionada na fala de nossos personagens apenas à facilidade de estar em contato com os objetos de leitura em qualquer espaço e a qualquer tempo, embora essa percepção não refletisse alterações mais substanciais na relação que estabeleciam com a noção tempo/espaço.

Dessa forma, notamos que os sujeitos não conseguiam vislumbrar uma nova maneira de estar no mundo configurada pela diluição de tempo e espaço advinda de uma vivência mais intensa da cultura digital e de suas possibilidades de deslocamento em vários tempos e espaços paralelos ao tempo e ao espaço físicos. Assim, o que podemos observar foi o fato de que nossos sujeitos participantes estabeleciam com suas práticas de leitura literária em dispositivos digitais móveis as mesmas relações fixas, rígidas e limitadas comuns a outros suportes impressos.

Também foi possível perceber um terceiro aspecto relativo a essa questão que residia no fato de que para os sujeitos participantes havia uma percepção segundo a qual a representação dos suportes digitais móveis era vista como de algum modo inferior aos suportes da cultura impressa, conforme observamos nas considerações de Laila e Mariá:

Quando eu estou lendo no celular eu não consigo me comprometer com a leitura ali, sabe? Eu fico sempre entrando no WhastApp, entendeu? Essas coisas, e não é só porque estão ali, até eu olho para o celular e eu não consigo levar tão a sério, aí quando eu estou lendo, quando eu leio no livro, a gente fica tão dentro da leitura que a mulher respirou fundo aí a gente... (faz gesto de respirar fundo também como se acompanhasse a ação da leitura), sabe? Aí no celular não tem isso. (Laila) Acho que é uma questão psicológica. O livro em papel passa um respeito pra minha cabeça, que me faz continuar a leitura. Como muita coisa no mundo tecnológico não tem uma imagem séria e a gente não tem certeza se são realmente coisas essenciais pra nossa vida nos dias de hoje ou apenas uma moda fútil, o livro lido no celular também é visto assim, pelo menos por mim. Não passa pra minha cabeça a ideia de livro, a ideia de que precisa ser concluído. (Mariá)



Atribuímos o comportamento de Laila e Mariá, compartilhado pelos outros sujeitos, à perpetuação de valores da cultura impressa arraigados na compreensão de leitura de nossos pesquisados, embora também tenhamos percebido de maneira recorrente, mas ainda latente e pouco desenvolvida, a percepção deles de que os dispositivos digitais móveis, enquanto suportes de leitura digital e artefatos culturais envoltos no dia a dia, guardavam ainda outras potencialidades e possibilidades não exploradas ou por eles desconhecidas. Nesse sentido destacamos outra percepção reflexiva de Mariá, quando afirma “Você está lendo e é mais fácil eu mandar um trecho pro amigo, posso copiar mesmo, legal isso, mas sei lá eu acho que o que seria ideal... eu realmente acho que a leitura no celular tem outras possibilidades”.

Assim, em quarto lugar, notamos que as práticas de leitura literária desenvolvidas pelos nossos personagens estavam direcionadas de forma predominante para a leitura ainda solitária, sacralizada, do leitor contemplativo (SANTAELLA, 2004), no qual se destacava a ausência de comportamentos conectados com as possibilidades inerentes aos dispositivos digitais móveis utilizados, tomados muitas vezes como livros impressos transpostos às telas. Observemos alguns relatos:

Várias tentativas frustradas de tentar publicar trechos do livro em redes sociais. (Hugo)

O melhor é você ler em qualquer lugar, às vezes você está em um lugar e fala ‘ai eu queria ler, mas não estou com meu livro’ e o celular você leva para todos os lugares que você vai, mobilidade. (Bárbara)

Tem o Skoob também, mas o Skoob normalmente eu só usei para o livro que eu já li. Mas é mais contemplativo. (Noé)

No entanto, é importante destacar que também ficou evidente como nuance dessa relação com os suportes digitais móveis ainda em construção para os sujeitos participantes, o despertar para a noção de desmaterialização das leituras promovidas por eles, o que se configura como um primeiro elemento constituinte de uma alteração dos comportamentos leitores.

Narradores-personagens: narrativas singulares

Também foi possível construir interpretações relativas à segunda questão norteadora do estudo, a qual seja: quais as repercussões dos usos das tecnologias digitais móveis nas práticas de leitura literária e como podemos analisá-las? A primeira delas é o fato de que as informações produzidas pelos sujeitos participantes colocaram em relevo a ausência de produção de conhecimento em rede relacionada às leituras literárias e potencializada pelos dispositivos digitais móveis. Pudemos observar que o relacionamento dos nossos personagens transitava, na maior parte do tempo, pela perspectiva de consumo passivo das obras, como bens culturais nos quais não procuravam fazer intervenções, diálogos, questionamentos, remixagem em rede. Assim, em poucos momentos, vimos referências a interações e utilizações mais produtivas das tecnologias digitais móveis no sentido de ampliar as possibilidades de ação sobre os bens estético-culturais nos quais os romances se constituíam.



Por outro lado, consideramos que, em certa medida, os nossos personagens, a partir dos usos das tecnologias digitais móveis para a realização das leituras literárias, demonstraram um interesse reflexivo sobre seus próprios comportamentos, resistências, descobertas de natureza mais técnica, bem como da ampliação de leitura que os dispositivos possibilitavam. Tal trajetória percorrida pelos participantes deste estudo nos permitiu observar em que medida o letramento digital na perspectiva da vivência e imersão em vários níveis ia se constituindo como ação para cada um deles. Assim, percebemos que para alguns sujeitos, as possibilidades de expansão e ampliação das práticas de leitura eram ações mais facilmente reconhecíveis e para outros os dispositivos nada mais representavam que a transposição do livro impresso para as telas.

Assim, percebemos que os sujeitos participantes, embora utilizassem seus dispositivos digitais móveis de forma corriqueira, no dia-a-dia, não os compreendiam até então como suporte eficiente, potencializador das práticas de leitura literária. Logo, a natureza intertextual e hipertextual existente como potência no gênero romance não foi explorada de forma diferente pelos sujeitos em função dos usos dos dispositivos digitais móveis. As relações intertextuais estabelecidas pelos sujeitos e os *links* construídos se organizaram, em sua maioria, na mesma lógica que se organizariam em leituras intermediadas por suporte impressos.

No entanto, também percebemos que em função dos usos das tecnologias móveis nas práticas de leitura literária se constituírem como uma experiência nova para os nossos personagens, todas as considerações feitas em relação aos seus comportamentos leitores também são muito oscilantes. Na mesma medida em que notamos na maioria das posturas leitoras e na maior parte do tempo a não exploração das potencialidades desses dispositivos, também pudemos registrar a aproximação que alguns sujeitos faziam entre as leituras literárias e outros produtos culturais de naturezas distintas, outras mídias, a exemplo da intertextualidade e da postura hipertextual desenvolvida em relação à música enquanto outra maneira de ler e dialogar com a obra, o romance. Notamos, então, que essa repercussão demonstra uma alteração de comportamento em relação às práticas leitoras que foi potencializada diretamente pela natureza multimidiática dos dispositivos digitais móveis, embora isso não tenha sido referenciado por todo o grupo, nem durante todo o tempo de realização da pesquisa. Observemos os seguintes relatos:

Comecei na *e-pub* e terminei na PDF. A *e-pub* é boa porque dá pra fazer mais ajustes, mas como eu não sei usar as ferramentas direito eu acho as páginas e tudo com muito movimento. (Laila)

A tecnologia móvel tem momentos diferentes para você ler, por questão de mobilidade é mais fácil você estar com o celular. Como eu falei, se eu tiver no colégio o livro é pesado, se eu quiser ler um livro eu tenho... em qualquer canto eu leio no celular tranquilo. [...] eu realmente acho que a leitura no celular tem outras possibilidades. (Mariá)

Dessa forma, notamos que, ao longo da experiência vivenciada pelos sujeitos participantes, é possível identificar a existência de indícios dos três tipos de leitores digitais adotados como referência: o contemplativo, o movente e o imersivo. No entanto, essa existência não estava ordenada em uma perspectiva linear nem progressiva, posto que



não funcionaram, conforme já prevíamos, como classificações estanques segundo as quais os sujeitos eram ou não pertencentes a determinada categoria. Antes disso, pudemos confirmar que ora os sujeitos se comportavam como leitores contemplativos diante das potencialidades não exploradas, ora como moventes se permitindo criar ligações hipermidiáticas e ora como imersivos reconhecendo-se na capacidade de realizar leituras e usos produtivos dos ambientes e espaços digitais em função dos seus objetivos. Logo, concluímos que a produção em rede da qual tratamos no início da discussão da segunda questão norteadora também é um reflexo da relação cultural com a rede, com os dispositivos digitais móveis e com as práticas de leitura literária e por isso nela podem repercutir ou não de acordo com as experiências de cada sujeito.

A construção do enredo: não linearidade

Quanto à terceira questão norteadora, esta foi formulada da seguinte maneira: quais os indícios de letramento literário e digital que podem ser percebidos nas práticas de leitura literária realizada a partir dos usos das tecnologias digitais móveis e como podemos analisá-los? O primeiro aspecto que destacamos é a observação do fato de que o gosto pela leitura literária ao longo da pesquisa adveio da capacidade de compreensão estética das obras em seu segundo nível de geração de conteúdo, comportamento atribuído ao leitor crítico (ECO, 2012). Desse modo, notamos que as resistências referenciadas aos dispositivos digitais móveis estavam muito mais relacionadas, paralelamente, às dificuldades da leitura literária que à natureza da leitura digital, e estas eram facilmente contornadas quando se alcançava a capacidade de ler o texto de forma colaborativa e ativa, conforme o Leitor-Modelo (ECO, 2012) existente como estratégia textual no tecido verbal dos romances.

Dessa forma, o letramento literário também se evidenciou em vários momentos da pesquisa de campo nas práticas leitoras dos sujeitos participantes, podendo ser observado em vários níveis oscilantes entre os personagens e em relação a si mesmos. Assim, vimos que a condição ou o estado de letramento literário se constitui nas práticas leitoras de forma irregular, oscilante, não linear e não cabe em uma categorização que se prenda a noção dicotômica de progresso e regresso, pois se caracteriza por ser um fenômeno sociohistórico e culturalmente construído.

Outra conclusão a que chegamos em relação à terceira questão norteadora diz respeito ao fato de que pudemos constatar que a capacidade de leitura crítica altera substancialmente a mediação com a leitura literária. Esse fator nos revelou, então, uma contradição entre o discurso construído coletivamente pelos sujeitos participantes de que não seriam bons leitores de literatura e as práticas de leitura construídas ao longo deste estudo empírico. Embora nossos personagens não se reconhecessem como letrados literariamente, muitos indícios de letramento literário puderam ser observados, conforme se evidencia nos relatos:

É uma característica mesmo do narrador, exatamente como a Laila falou, ele complica, ora ele narrando o pensamento, ora ele está falando, está pensando, é uma coisa tão planejada que deixa a gente maluco. (Érica)



Eu queria falar assim, que em questão de hipertexto o meu problema é ser meio preguiçoso, eu não sei se é preguiça, enfim, eu acho que não faz parte de mim lidar com tanta coisa. (Noé)

Assim, percebemos de forma constante a presença de leitores críticos, manifestação da estratégia estética de construção do Leitor-Modelo, ao passo que também notamos algumas situações em que emergiam leitores vítimas, o que leva a confirmar tais categorias definidas por Eco (2012) como passíveis de coexistência sem que uma ocorra em prejuízo da outra. De acordo com o que pudemos registrar, tais oscilações se dão em função da maneira como os sujeitos se relacionam com o tecido verbal enquanto composição estética e simbólica, de seu compromisso com a postura ativa, colaborativa e interativa com o texto em seus não-ditos e espaços brancos a serem preenchidos a partir das pistas textuais deixadas por um *Autor* que também é uma estratégia estética da geração de sentidos interpretativos no texto, sendo estes existentes enquanto potência.

Algumas conclusões

Neste estudo, desenvolvemos o argumento central de que os usos das tecnologias digitais móveis nas práticas de leitura do gênero romance podem repercutir na formação do leitor na perspectiva dos letramentos digital e literário de maneiras distintas. Para tanto, aproximamos duas áreas de produção cultural, a literatura e a tecnologia, considerando suas naturezas dialógicas.

Dessa forma, ao retomarmos o objetivo central deste estudo que postulava compreender de que maneiras os usos das tecnologias digitais móveis nas práticas de leitura do gênero romance podem repercutir na formação do leitor na perspectiva dos letramentos digital e literário, podemos concluir que há muitos indícios significativos de letramento literário, embora eles não tenham sido diretamente potencializados durante a pesquisa pelos usos dos dispositivos digitais móveis. No entanto, isso se deve não à impossibilidade de potencialização por parte dessas tecnologias, mas, dentre outros fatores, ao apego à cultura do impresso, principal experiência leitora dos sujeitos participantes, à ausência, por consequência, de uma postura leitora hipertextual e à percepção pouco produtiva em relação aos usos da rede.

Assim, percebemos que o pleno desenvolvimento de um leitor crítico, no que tange às categorias do letramento literário, e imersivo, no que tange às categorias do letramento digital, só podem ser complementadas diante da agregação por parte dos sujeitos das potencialidades dos dispositivos móveis quando consideradas a sua imersão efetiva e consciente nos modos de ser e estar no mundo característicos da cultura digital e da cibercultura. Sem a interseção dessas duas condições, os comportamentos do leitor crítico e do leitor imersivo existem apenas de forma isolada, independente das ações pedagógicas de leitura que as orientem. No entanto, precisamos ressaltar que os resultados obtidos nesta pesquisa estão circunstanciados por um contexto sociohistórico e culturalmente referenciado, no qual se destaca o fato dos sujeitos participantes terem realizado durante a pesquisa de campo suas primeiras experiências de leitura intermediadas por suportes digitais móveis. Logo, outras análises e implicações podem ser feitas quando



de um contexto distinto, haja vista que ao longo da própria pesquisa muitas alterações, nuances, conflitos e sinuosidades foram sendo percebidas, transformando, embora em pequena medida, os comportamentos leitores dos sujeitos participantes.

Referências

- ALMEIDA, Virgílio Fernandes. (2009) FEATURE: In search of models and visions for the web age. *Interactions*, v. 16, n. 5, p. 44-47, 2009. Disponível em: <<http://interactions.acm.org/archive/view/september-october-2009/featurein-search-of-models-and-visions-for-the-web-age1>>. Acesso em: 03 de setembro de 2016.
- BARBOSA, Begma Tavares. *Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem*. 2012. Disponível em: ><http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.
- COUTO, Edvaldo Souza. Ler e escrever na cultura digital: rotas, nexos e redes móveis. In ROSING, Tânia Mariza Kuchenbecker (Org.) *Literatura e identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo, UPF Editora, 2016, pp 31-55.
- ECO, Umberto. (2012) *Leitor in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- KOZIEL, Elenice. (2013) Uso do aplicativo Moglue Builder como possibilidade de interação com o texto literário em meio digital. *Anais do 2º Encontro de Diálogos Literários*, 2013, Campo Mourão, 2013. p. 277-286. Disponível em: <<https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/12/81.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.
- LEMOS, André.(2004) Cibercultura, cultura e identidade. *Direção a uma "Cultura Copyleft"*, 2004. Disponível em: <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- LEMOS, André. (2009) Cultura da mobilidade. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, v. 1, n. 40, 2009. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br>. Acesso em: 14 mai. 2016.
- LÉVY, Pierre. (1999) *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. (1999) *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PRETTO, Nelson de Luca. (2011) O desafio de educar na era digital: educações. *Revista Portuguesa de Educação*, v.24, núm. 1, 2011, p. 95-118. Guimarães, Portugal: Universidade do Minho. Disponível em: <revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3042>. Acesso em: 30 jul. 2015.
- RIBEIRO, Ana Elisa. (2012) Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 15-32, 2012. Disponível em: <www.rle.ucpel.tche.br>. Acesso em: 19 abr. 2016.
- RIBEIRO, Ana Elisa. (2016) Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 47, p. 97-118, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00097.pdf>>. Acesso em: 03 de setembro de 2016.
- SANTAELLA, Lucia. (2004) *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

